

**CURI, MARTIN: FRIEDENREICH. DAS VERGESSENE FUSSBALLGENIE  
(FRIEDENREICH. O GÊNIO ESQUECIDO DO FUTEBOL). GÖTTINGEN:  
WERKSTATT, 2009**

Christina Peters

Lateinamerika-Institut, Freie Universität Berlin

Uma biografia de um jogador brasileiro escrita por um estrangeiro já representa uma certa tradição na literatura dedicada ao futebol brasileiro.<sup>1</sup> O jogo de origem inglesa e a sua adaptação pelos brasileiros, que é tida como perfeita, fascina um grande número de pessoas em todo o mundo – haja vista os livros publicados por inúmeros jornalistas de diferentes países para um público maior sobre a história do futebol brasileiro ou sobre a vida de grandes jogadores, como por exemplo Domingos da Guia.<sup>2</sup> A maioria destes livros faz parte de uma corrente que constrói ou repete narrativas mitológicas e lendas do esporte, que servem ao torcedor ou aficionado na imaginação de um passado mítico, cheio de jogadas geniais e talentos sobrenaturais. A biografia do jogador Arthur Friedenreich de Martin Curi, que foi publicada em julho deste ano na Alemanha pela editora Werkstatt Verlag, é uma bem sucedida exceção desta grande narrativa mitológica de jogadores e clubes e seus feitos extraordinários.

Ainda que o livro seja dirigido a um círculo de leitores não especialistas e não para a comunidade científica, o autor consegue evitar uma narrativa simplificada que afirmaria os estereótipos existentes sobre o futebol brasileiro no mundo. Pelo contrário, Curi tem sempre em

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo: Hamilton, Aidan, Domingos da Guia. O Divino Mestre; Losh, Jacey, God is Brazilian; Mills, John, Charles Miller. O Pai do futebol brasileiro, São Paulo 2005, Bellos, Alex, Futebol. The Brazilian Way of Life, London 2002.

<sup>2</sup> Ibid.

mente um contexto socio-cultural, tanto que a biografia de Arthur Friedenreich não é somente um encadeamento de importantes datas da vida do jogador, mas uma apresentação das transformações da sociedade brasileira no período entre 1890 e 1935. De tal maneira que a carreira de Arthur Friedenreich serve para o autor como uma metáfora destas transformações (p. 8).

Arthur Friedenreich foi um dos primeiros jogadores de futebol brasileiro que obteve o status de um “craque” pela sua técnica brilhante, demonstrada nos mais de 25 anos de sua atuação, entre 1909 e 1935. Embora tenha tido uma carreira de futebol longa em vários clubes em São Paulo e no Rio de Janeiro, Friedenreich caiu quase no esquecimento, se comparado com outros craques da geração seguinte, como por exemplo Leônidas da Silva ou Domingos da Guia.

Hoje em dia, somente peritos da área, como jornalistas e historiadores do esporte, conseguiriam associar o nome Arthur Friedenreich com o passado de um grande jogador, como avaliou Martin Curi através de entrevistas para esta biografia (p.106-107). Não podemos verificar se isto é verdade. Curi alega que a fama de Fried, como ele era chamado, depende em grande parte da origem dos entrevistados – tanto que ele deve ser mais conhecido em São Paulo, a sua terra natal e onde ele jogou a maior parte da sua carreira, do que no Rio de Janeiro ou em outros estados do Brasil.

A principal questão que levou ao autor à ideia de escrever esta biografia é: Porque será que um jogador excelente como Arthur assume um papel periférico na memória futebolística de um país tão entusiasmado por esse esporte, como o Brasil? Um jogador a quem uma lenda atribui 1329 gols marcados durante a sua carreira, mais do que são atribuídos a Pelé, e a invenção de técnicas como o “chute de efeito” e a “finta de corpo”. Um jogador que foi coroado pela imprensa francesa um “rei do futebol” em 1925, na primeira vez que um time brasileiro jogou

em solo europeu, quando o seu clube venceu os times europeus em nove de dez jogos. Os principais motivos para esta memória periférica o autor vê no contexto socio-cultural da carreira de Friedenreich.

No segundo capítulo, depois de uma introdução no primeiro, Curi nos leva a um passeio pela cidade de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX, pelo qual o leitor recebe uma impressão plástica de uma cidade em difícil e conflitante transformação, tanto nas relações sociais quanto nas econômicas. A plasticidade de uma sociedade, que se encontrava entre valores e tradições coloniais e industriais e modernos.

Friedenreich nasceu ali, como filho de uma lavadeira afro-brasileira e um comerciante alemão. Curi consultou fontes documentais em arquivos da comunidade alemã, como no Instituto Martius Staden em São Paulo, para conseguir informações sobre a família de Oscar Friedenreich, o pai de Arthur. Com os seus achados ele constrói a imagem de uma família para a qual as transformações desta época foram proveitosas: Somente neste contexto teria sido possível o casamento entre uma afro-brasileira e um membro da emergente classe média, descendente de alemães do sul do país.

Friedenreich começou a sua carreira de futebol na primeira década do século XX. Os jogadores dos clubes maiores em São Paulo e no Rio de Janeiro eram membros da elite urbana, que jogavam o futebol pelas regras da *Football Association*, como o tinham aprendido nos colégios jesuítas ou elitistas da cidade ou com os membros da comunidade inglesa. Comunidade esta, composta majoritariamente por engenheiros, comerciantes e outros profissionais especializados, que se consideravam distintos “*sportmen*”. O conceito do “*sportmen*” abrangia símbolos e rituais de distinção para formar um *habitus*, como, por exemplo, considerar o futebol

um jogo amador, usar vocabulário inglês, e distintas normas de vestir-se e rituais de festa e celebração.

A análise deste contexto socio-cultural da paisagem esportiva do Brasil o autor empreende no capítulo 3, “Futebol Importado”, que analisa a chegada e a disseminação do esporte inglês como um empreendimento de educadores de escolas jesuítas e de membros da elite urbana, que se tornaram adeptos de esportes, entre eles o futebol, na Europa. Curi afirma que ele teria se disseminado simultaneamente, de diferentes cidades portuárias para todo o país.

Mas as tentativas de preservar o esporte como algo distinto e refinado não impediu a rápida penetração do futebol em outras camadas sociais e, geograficamente, fora dos centros das cidades. Assim o esporte chegou não só na classe média, mas no subúrbio, nos bairros pobres e fora das instalações estabelecidas das sedes dos clubes da elite. Em São Paulo estes jogadores se apropriaram das beiras dos rios, da várzea, onde criaram o seu próprio espaço para a prática cultural do jogo de futebol.

Friedenreich teria começado a sua carreira entre estes dois espaços. Curi relata que Fried teve seu primeiro contato com o jogo no Mackenzie College, um colégio elitista na cidade de São Paulo, onde teria conseguido entrar, apesar de ser afro-brasileiro, através de contatos do seu pai.

Mas a sua técnica, as suas jogadas artísticas ele teria adquirido em outro lugar: no time de várzea “Bexiga”. Curi argumenta que a atuação de Friedenreich em um clube de várzea, e ao mesmo tempo como aluno de um colégio de elite, demonstra que ele era um “fronteiriço entre as classes sociais. Por um lado ele tinha um nome alemão, o que significava o seu bilhete de entrada em uma escola respeitada, por outro tinha uma pele escura, o que lhe possibilitou, sem complicações, jogar nas várzeas com pessoas simples” (p. 28).

Considerar Friedenreich um “fronteiriço”, é o *Leitmotiv* de Curi na sua biografia. Em sua origem social antagônica – como filho de um pai alemão da ascendente classe média e de uma lavadeira afro-brasileira – o autor vê o motivo principal para uma carreira cheia de sucessos e, ao mesmo tempo, de obstáculos. Em um racismo vigente, mas disfarçado, e no ambiente esportivo específico da época estaria, para o autor, inscrito o seu esquecimento posterior.

No capítulo seguinte, Curi conta ao leitor como Friedenreich ascendeu no mundo do futebol em São Paulo. O momento decisivo teria sido a aceitação pelo “Sport Club Germânia”, que, com mais quatro clubes, era um dos fundadores da atividade futebolística de São Paulo. O autor nos relata qual era a posição deste clube, fundado pelo alemão Hans Nobiling em 1899, na comunidade alemã de São Paulo. Este clube teria sido um clube étnico, mas com um perfil social heterogêneo, com o fim de educação de “homens sãos e potentes” (p. 34). O entusiasmo do presidente desta associação esportiva, Hans Nobiling, pelo futebol o teria levado a aceitar Arthur Friedenreich como alemão, embora fosse filho de uma afro-brasileira (p. 35). Depois de algumas dificuldades de reconhecimento dentro do clube de elite e de várias mudanças para outros clubes, ele teve o seu primeiro grande sucesso na temporada de 1912: Friedenreich marcou 16 gols em treze jogos. Naquele momento, argumenta Curi, “Fried tinha conseguido impor-se contra todas as discriminações racistas e era agora um nome na elite do futebol” (p. 37).

Friedenreich, para Curi, é a incorporação perfeita de um afro-brasileiro que repetidas vezes foi confrontado com discriminação racial não-oficializada, uma vez que já não existiam mais leis segregacionistas no Brasil. Mas as “relações raciais” eram agravadas pela política de “branqueamento” e pelas vigentes teorias de higienização racial, o darwinismo social e um racismo científico.

Ele segue na linha desta argumentação também quando relata como Friedenreich conseguiu entrar em grandes clubes de futebol da elite de São Paulo, onde a sua carreira como “craque” realmente começou. No capítulo cinco, Curi enfoca a atuação de Friedenreich no clube de futebol elitista “Paulistano”, onde permaneceu por mais tempo, de 1917 a 1929. Durante este período Friedenreich foi reconhecido nacional e internacionalmente. O clube chegou a ser tetracampeão da cidade, ganhando o campeonato paulista quatro vezes em seguidas, entre 1916 e 1919. O maior sucesso, que Curi relata através de fontes do arquivo do Sport Club Paulistano, foi a viagem deste clube para Europa em 1925. O presidente do Paulistano de então, Antônio Prado Junior, tinha combinado jogos contra diferentes clubes na França e na Suíça. O sucesso imprevisto e extraordinário do time nesta excursão contra as seleções e clubes destes dois países se manifestou como uma exceção tanto na imprensa europeia, como na brasileira. Friedenreich chegou a ser uma celebridade, ele foi elogiado pela sua técnica de passes curtos e até chamado de “rei dos reis” do futebol (p. 50).

Curi analisa, a partir daí, a técnica de Friedenreich, sob a ajuda de avaliações da época. Ele quer desconstruir a lenda de que Fried teria inventado o chute de efeito e a pedalada. Este mito se basearia em uma outra lenda: a de que existia uma regra naquela época de que falhas contra jogadores afro-brasileiros não eram sancionadas pelos árbitros. Graças a esta regra os jogadores afro-brasileiros teriam desenvolvido movimentos para contornar os jogadores adversários e, desta maneira, teriam inventado vários truques e jogadas artísticas. Para Martin Curi não existe nenhuma evidência para o desenvolvimento do estilo artístico dos brasileiros por motivo de uma discriminação racial no campo de jogo. Mas Curi admite que já na excursão para Europa o estilo artístico e leve teria impressionado os europeus e fundado a sua fama internacional.

Isto é uma das forças do livro de Martin Curi: Ele evita uma narrativa mitológica de um jogador genial, mas ao mesmo tempo consegue dar ao leitor uma impressão multifacetada do talento de Friedenreich.

Nos capítulos seis e sete, Curi contextualiza a biografia de Friedenreich nos anos 20 e 30, relatando as forças transformadoras no ambiente do futebol em São Paulo. O Clube Paulistano - e isto é essencial para entender o funcionamento da memória futebolística no Brasil - dissolveu a sua divisão de futebol em 1929. Nos anos 20, a profissionalização do futebol teria sido ininterrupta. Tradicionalistas, como o presidente do Paulistano, usavam todos os seus recursos e meios possíveis para impedir este processo, mas ao final não conseguiram parar o que já estava em andamento. De novo, Curi consegue dar uma imagem abrangente, um espelho das transformações gerais que estavam modificando as relações sociais e que se manifestaram no futebol, de tal maneira que, para Curi, o futebol é um “microcosmo” da sociedade em geral (p. 59).

Em seguida o autor exemplifica a equivocada carreira de Friedenreich na sua atuação em seleções nacionais e locais. O seu talento fez com que Friedenreich fosse um dos jogadores mais recrutados para a constituição de seleções que representariam o Brasil em jogos internacionais ou a cidade de São Paulo em jogos regionais. Seleções eram “instrumentos importantes na luta pela hegemonia entre associações locais” – uma luta que marcou toda a época de atuação de Friedenreich. Este argumento não deve ser subestimado, tanto que a luta pela hegemonia entre associações esportivas estava relacionada a um movimento mais abrangente: ao aumento do poder global da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), fundada em 1904. Desde a sua fundação, a FIFA tentou fazer valer o seu “monopólio de ordem” como a única

associação legítima para o futebol.<sup>3</sup> A Fifa somente aceitou uma representação por nação. A legitimação por ela significava um grande fator de poder no próprio país – sobretudo porque as associações legitimadas pela FIFA poderiam organizar jogos internacionais.<sup>4</sup>

Martin Curi mostra como um jogador individual, como Friedenreich, sofreu durante esta época de luta entre associações locais pelo reconhecimento internacional, sob estes mecanismos institucionais ordenados por uma organização mundial. Tanto nas seleções em nível estadual como em nível nacional, Friedenreich foi por várias vezes impedido de mostrar o seu talento porque era filiado a uma associação que não havia sido reconhecida pela associação nacional, a CBD (*Confederação Brasileira de Desportos*) (p. 67).

Mas a maior frustração na carreira de Friedenreich foi a sua expulsão da seleção brasileira pelo próprio presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, no Campeonato Sul-Americano de 1921. Pessoa teria exigido uma seleção, para a viagem para Argentina, composta somente de jogadores brancos. Ele queria, desta forma, evitar uma renovação das humilhações feitas pelos argentinos no Campeonato de 1917 que tinham chamado os brasileiros de “macacos”. Esta narrativa é uma das típicas narrativas legendárias da história do futebol brasileiro.

Particularmente, não conheço ainda um documento que afirme isto como um fato. Parece mais provável que outros motivos tenham levado à exclusão de Friedenreich da seleção brasileira. Sobretudo porque, como Curi conta, ele foi homenageado pelo mesmo presidente, em 1919, quando o Campeonato Sul-Americano aconteceu no Rio de Janeiro e a seleção brasileira foi campeã com a talentosa atuação de Friedenreich.

---

<sup>3</sup> Eisenberg, Christiane, "Der Weltfußballverband FIFA im 20. Jahrhundert. Metamorphosen eines 'Prinzipienreiters'", in: *Vierteljahreshefte für Zeitgeschichte* 2 (2006), p. 209-230, p. 212-215. Para maiores informações sobre a institucionalização do futebol no Brasil, ver: Sarmiento, Carlos Eduardo, *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*, Rio de Janeiro 2006.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 214.



Mas é verdade que o banimento de Friedenreich de importantes jogos internacionais e, sobretudo, da primeira Copa de Mundo, que ocorreu em 1930 no Uruguai, constitui um dos motivos pelos quais Friedenreich não conseguiu participar em um maior número de jogos internacionais - o que teria sido mais adequado para um jogador da sua estatura (p. 79).

No capítulo a seguir, o oitavo, a argumentação de Curi não é sempre consistente e lógica. Aqui ele quer demonstrar que Friedenreich foi considerado “negro” e somente teria sido aceito nos clubes da elite por ser filho de um alemão. O capítulo oferece um resumo do que ele chama de “racismo à brasileira”. Para Curi, as teorias raciais tinham uma função social para a manutenção de hierarquias sociais, que tinham sido questionadas com a proclamação da república no Brasil, em 1889. Como filho de um burguês alemão, Friedenreich não teria sido discriminado socialmente, mas através da sua cor, que seria uma marca da população pobre. Assim teria ele sofrido discriminação racial. Por isso Friedenreich seria obrigado a mostrar repetidas vezes que fazia parte da elite – o que o levava a alisar o cabelo com pomada e panos quentes antes de entrar em campo (p. 83). Não é convincente o argumento de que Friedenreich tenha sido discriminado racialmente por ser considerado pobre simplesmente pela cor de sua pele.

Mas mesmo não sendo consistente em alguns pontos do debate sobre o racismo neste capítulo, temos que ter em mente que este livro se dedica a um público provavelmente não familiarizado com a história brasileira. Portanto, resta afirmar que Curi consegue demonstrar a este público a ambiguidade do racismo vigente nesta época – e é provável que Friedenreich tenha sido, em alguns momentos da sua carreira, uma vítima deste racismo.

O livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, do jornalista do Jornal dos Sports, Mário Filho, que por muitos anos serviu de base e fonte principal de historiadores de futebol no Brasil, foi o

pivô de um intenso debate centrado sobre o papel dos jogadores afro-brasileiros nos primeiros anos do futebol no Brasil, além das influências do racismo e das teorias racistas no mundo esportivo. A principal crítica feita aos pesquisadores que usavam Mario Filho como fonte, era a de que Mário Filho contava uma história da ascensão do negro no futebol e que utilizava uma retórica culturalista e essencialista.<sup>5</sup>

Martin Curi é feliz por não cair nesta armadilha e considerar Arthur Friedenreich um talento extraordinário *por ser* afro-brasileiro. Ao mesmo tempo ele consegue esclarecer, através desta biografia, as ambivalências das relações raciais e dos conflitos sociais desta época.

No entanto, quais seriam, afinal, os motivos para a fraca presença na memória do futebol brasileiro de um jogador tão extraordinário e que dominou a paisagem desse esporte no Brasil por quase três décadas? Curi não vê um único motivo, mas vários. O mais importante, certamente, é temporal: faz mais do que setenta anos desde que Friedenreich terminou a sua carreira. Segundo Curi, um outro motivo é a falta de documentos como gravações e filmes. Na época de atuação de Friedenreich, as já existentes seções de esporte das revistas e jornais informavam sobre jogos, mas não existia nem o rádio, nem a televisão. Não existe uma memória visual-auditiva, além das raras fotografias dos jornais. Outro importante motivo seria o encerramento da divisão de futebol do seu clube Paulistano em 1929 – desta maneira Friedenreich não teve um clube que pudesse manter uma tradição de memória através de estratégias de marketing. Também faltariam jogos internacionais, como uma participação em uma Copa de Mundo, na carreira de Friedenreich. Entre estes e outros motivos, o mais importante seria a discriminação racial sofrida por ele. Na época da sua atuação, a população afro-brasileira seria ainda, segundo o autor, considerada um dos motivos pela degeneração do

---

<sup>5</sup> Ver: Soares, Antonio, "Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre", in: Alabarces, Pablo (Ed.), *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*, Buenos Aires 2003, p. 145-162, p. 146-150.

país. Somente com o surgimento da ideologia da “democracia racial”, nos anos 30, os afro-brasileiros teriam sido reconhecidos como uma parte integrante da sociedade. Friedenreich fora considerado, segundo Curi, uma “mácula” para a nação (p. 113).

A biografia de Friedenreich, escrita por Martin Curi, é uma leitura multifacetada e bem pesquisada da carreira do jogador, do desenvolvimento esportivo da cidade de São Paulo e ao mesmo tempo de transformações socio-culturais brasileiras no período de 1890 até 1935. Apesar de de algumas simplificações e “fraquezas” na linguagem, o livro é uma interessante leitura para alemães que queiram ter uma imagem diferenciada da história do futebol brasileiro, que vai além de samba, “futebol arte” e ginga.